

TECNOLOGIA / Especialistas mostram como a inovação pode humanizar o cuidado médico e apoiar a sustentabilidade ambiental

Soluções para a saúde e o planeta

» WAL LIMA

A Futurecom, maior feira de tecnologia e negócios da América Latina, também tem sido palco de discussões sobre o papel da inovação no bem-estar social e na preservação do meio ambiente. Realizado em São Paulo, o evento conta com painéis promovidos pelo Instituto de Engenheiros Eletricistas e Eletrônicos (Ieee), especialistas exploram tecnologias, como inteligência artificial, conectividade e análise de dados podem transformar tanto a saúde quanto a sustentabilidade. Um dos destaques foi a discussão sobre Saúde 5.0, conceito que coloca o paciente no centro do cuidado, com foco em personalização

e eficiência. A combinação entre IA, dispositivos vestíveis e Internet das Coisas (IoT, na sigla em inglês) está revolucionando diagnósticos, tratamentos e o acesso à saúde. “O uso de big data e o avanço da telemedicina permitem ampliar o atendimento com mais precisão e humanização”, afirmou Sônia Castral, especialista em tecnologia da saúde. Executivos e médicos ressaltaram como dispositivos inteligentes, como relógios e anéis, já são capazes de monitorar parâmetros de saúde e antecipar diagnósticos — com segurança e transparência. Ao mesmo tempo, alertaram sobre o uso ético e regulado dos dados, evitando o risco de autodiagnósticos ou interpretações incorretas. Para que essas soluções sejam

acessíveis, a inclusão digital e a ampliação da conectividade são fatores decisivos. “Sem internet de qualidade, boa parte da população segue excluída dos benefícios da inovação”, destacou Ana Claudia Ferraz, executiva do setor. Outro tema abordado nos painéis do Ieee foi a aplicação de tecnologias digitais no monitoramento ambiental. Pesquisadores brasileiros apresentaram projetos com gêmeos digitais — réplicas virtuais de ambientes reais — e torres de fluxo, que medem emissões de carbono e ajudam a entender o impacto da atividade humana sobre os ecossistemas. Cristiane Pimentel, professora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, explicou como essas ferramentas possibilitam testar

cenários, prever desastres e reduzir custos com decisões mais baseadas em dados. “Sensores integrados à inteligência artificial nos permitem avaliar grandes volumes de informação em tempo real.” Renato Borges, professor da Universidade de Brasília, reforçou o papel das torres de fluxo na preservação dos biomas. “Elas funcionam como sentinelas nos ecossistemas, identificando diferenças entre áreas naturais e impactadas.” Esses dados vêm sendo utilizados para validar práticas sustentáveis e orientar políticas públicas —, inclusive, com apoio de programas de longa duração, como o LBA, do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa), que há décadas monitora florestas tropicais.



Um dos destaques da edição deste ano do Futurecom foi a discussão sobre Saúde 5.0, conceito que tem foco na personalização e eficiência

Das pistas para as empresas

Rubens Barrichello, um dos nomes mais marcantes da história recente da Fórmula 1, voltou aos holofotes em uma das edições da Futurecom — principal evento de tecnologia e inovação da América Latina. Longe das pistas, o ex-piloto atraiu a atenção do público ao compartilhar como os aprendizados do automobilismo podem ser aplicados no mundo corporativo. Atualmente atuando como diretor não executivo na Softswiss na América Latina, Barrichello participou da feira com uma palestra que destacou a importância de decisões rápidas, baseadas em dados e em trabalho em equipe — tanto nas corridas quanto nos negócios. O auditório ficou lotado, com centenas de pessoas acompanhando sua fala, que se tornou um dos momentos mais comentados do evento. “Antes, eu achava que automobilismo e negócios eram mundos completamente diferentes. Mas, quando comecei a entender a importância dos dados e da tomada de decisão nas empresas, percebi que estavam mais conectados do que imaginava”, afirmou ele com exclusividade ao **Correio**. Ele explicou que, assim como nas corridas, as empresas precisam monitorar e interpretar dados em tempo real para se manterem competitivas. “Na Fórmula 1, vivemos de dados: temperatura do pneu, consumo de combustível, clima. Tudo precisa ser lido rapidamente. No mercado, é a mesma lógica. Os números falam, e quem sabe ouvi-los toma as melhores decisões.” Barrichello também fez um paralelo entre os boxes e os times empresariais. “Você pode ter o melhor carro, mas se a equipe não estiver



Barrichello atua na aproximação da empresa com o mercado regional de tecnologia e iGaming

alinhada, o resultado não vem. O mesmo vale para as empresas: tecnologia sozinha não vence corridas. São as pessoas que fazem a diferença.” Outro destaque foi o papel da inteligência artificial, comparada por ele a um engenheiro extra nos bastidores. “A IA ajuda a prever, a corrigir e a entender padrões. Mas ela não substitui o instinto humano, que é fundamental nos momentos decisivos.” Competindo ainda na Stock Car, Barrichello reforçou que resiliência

e reinvenção são valores que ele leva das pistas para os negócios. “A vida de um piloto é cheia de recomeços. E isso vale para qualquer carreira. O importante é nunca parar de evoluir.” Segundo ele, sua entrada no setor tecnológico foi natural. “Desde o kart, a tecnologia faz parte da minha vida. Agora, o cenário é outro: saí dos motores para os algoritmos.” Na empresa onde atua, Barrichello foca na expansão de

soluções tecnológicas e na aplicação de dados para apoiar negócios na América Latina. “Entendi que empresas e equipes de corrida vivem desafios semelhantes: pressão constante, necessidade de precisão e busca por alta performance.” Sua participação na Futurecom reforça a conexão entre esporte, inovação e estratégia — e mostra que, mesmo fora das pistas, Rubens Barrichello continua acelerando rumo ao futuro dos negócios.

Brasil S/A
por Antonio Machado



machado@cidadebiz.com.br

A neblina da razão

O Brasil deve estar vivendo um grande experimento social, sem que tenhamos sido avisados, ao estilo novilíngua de George Orwell, ou “fatos alternativos” de Trump, em que “guerra é paz”, “liberdade é escravidão” ... e “elevar imposto é fazer justiça” mesmo sendo a carga tributária a maior entre as economias emergentes por margem de 15 a 17 pontos de porcentagem e até superior à dos EUA e Japão.

Com carga tributária de 33% do PIB, cobramos impostos como países hiperdesenvolvidos, rivalizando com Inglaterra e Canadá, e pouco menos que em países de bem-estar superlativo, como Suécia, França e Alemanha, em torno de 38% a 45%, sem proporcionar os benefícios notáveis da socialdemocracia europeia. Nem temos, para compensar a volúpia tributária, o ritmo frenético de crescimento da China (em que o ônus fiscal é de 18% do PIB), Índia (17%) e Indonésia (12%). Com tal disparate do gravame tributário, não deveria surpreender que a maioria centrista e de direita da Câmara derrotasse a medida provisória editada pelo governo a pretexto de repor a arrecadação perdida quando o Congresso vetou o decreto presidencial que elevou as alíquotas do IOF sobre o crédito, seguros, câmbio de moedas e aplicações em títulos e fundos. Imposto regulatório não se presta a inflar a arrecadação. O Congresso fez certo. Mas o STF desfez o feito e restabeleceu, com pequena mudança, o ato presidencial.

Perdeu sentido, assim, a MP do IOF, um rol de atos para extrair receita do que o marketing oficial chamou de BBB, de bilionários, bancos e bets, para virar memes em redes sociais. Mas o ministro Fernando Haddad convenceu o presidente de que estava tudo ok. Com mais de dois terços de parlamentares de centro e de direita, retrato da sociedade, só carências cognitivas fariam alguém supor que o grosso do Congresso contrariaria o eleitorado que o elegeu. Imposto é amargo, ou se chamaria adoçante, e dói quando alcança os níveis extorsivos praticados no Brasil: 21% a 27% sobre a água (é zero nos EUA), até 46% na gasolina, 30% a 39% na luz, 40% a 54% em carros, até 30% em remédios. Dizer que só rico vai pagar mais é acreditar em E.T. Não mais depois do logro da “taxa da blusinha”.

Maioria quer pagar menos

Interpretaram a aprovação sem nenhum voto contrário no Congresso da isenção do IR sobre rendas até R\$ 5 mil, compensada com até 10% sobre dividendos pagos a quem ganha acima de R\$ 50 mil, como sinal de medo da reação popular. Foi o contrário: a maioria quer reduzir a carga tributária e discutir depois como redistribuir a taxação. Quando Lula tiver um competidor formal, pois por ora só ele está em campo para se reeleger, vai enfrentar uma oposição com discurso pronto contra impostos abusivos, mantidos até na reforma que mudou os tributos sobre o consumo pelo IVA, projetado em 28,5%, contra a expectativa de não mais que 20%. Ah! Os lobbies se safaram, como o agro, dirão os fiscalistas de plantão. É fato, como também o é que os taxadores de hoje se ausentaram da discussão de ontem. O que falta, de verdade, é uma discussão ampla sobre as sequelas de mover as peças que compõem a economia à revelia das implicações sistêmicas desses movimentos singulares. Imposto é uma das peças, assim como os juros. Os dois primeiros governos Lula tinham maior diversidade intelectual em seu entorno para entender essa equação. A gestão das políticas públicas busca dar nexos a esse todo. Se os programas do governante excedem a receita tributária, como se vê pelos déficits orçamentários, o excedente de despesa será pago com a venda de papéis de dívida pelo Tesouro. Quanto mais dívida emite mais o comprador, vulgo mercado financeiro, exige juros altos. Que o Banco Central atende contrapondo a curva da inflação ao chamado risco fiscal, dado pela fuga de capitais da ciranda financeira.

Receita pública é gigante

Se entre 2003 e 2010 Lula ouvia seus auxiliares tanto por confiar neles quanto por saber que eles se conectavam às várias correntes do pensamento econômico e às forças políticas e empresariais, hoje raríssimos ousam contrariá-lo ou pensam o país, como diagnosticou o presidente da Confederação Nacional da Indústria, Ricardo Alban, “de modo mais holístico”. A gestão virou uma colcha de retalhos. Houvesse maior discernimento, teriam ouvido o experiente deputado Cláudio Cajado (PP-BA) dizer antes da votação que selou o fim da MP dos impostos que o decreto do IOF adicionou R\$ 19 bilhões às receitas da lei orçamentária deste ano e R\$ 48 bilhões às de 2026. A troca do que, então, continuar inflando a carga tributária? Lula reagiu dizendo que barrar a MP foi votar contra o equilíbrio fiscal e limitar os programas sociais. A ministra Gleisi Hoffmann se queixou de que houve sabotagem em benefício de bilionários, das bets e dos golpistas. Ao todo, entre mais imposto e menos gasto, a expectativa era de um ganho líquido de R\$ 35 bilhões em 2026, ano em que o orçamento, com tais receitas, já embutia um déficit de R\$ 53 bilhões. E a Fazenda promete superávit de 0,25% do PIB. O difícil, ao se olhar tais números, é que o governo corra atrás de mais impostos quando só a parte federal da carga tributária é de mais de R\$ 2,7 trilhões e a total, com estados e municípios, chega a R\$ 4,2 trilhões. E não só: do fim de 2022 a 2026 a dívida pública deverá saltar de 71,7% do PIB para 84,9%, crescendo 13,2 pontos percentuais ou R\$ 1,8 trilhão ao PIB projetado de 2026.

Momento para um plot twist

O quadro total da economia, sua visão holística, como definiu bem o presidente da CNI, não mostra que a falta de receita tributária é o que trava o país. Ao contrário, mostra um excesso colossal, em relação aos países emergentes mais bem-sucedidos, adicionado de um endividamento que cresce acima do ritmo de expansão da economia. Mas de que adianta a receita real crescer 2,3% em setembro, se a despesa avançou ao ritmo de 5,7% e nada indica que vá abrandar? Infelizmente, não há espaço fiscal para o governo seguir fazendo o que se pode chamar de “reforma estimulativa e distributiva” sem priorizar a construção de oferta, e não a demanda. Que dá sensação de alívio ao eleitor, um “barato” legal, seguida de tontura, boca seca, cabeça pesada etc. A ressaca em 2027 está contratada. Será mais ou menos intensa dependendo do que a política fizer até lá. Com tais ingredientes, pouco importa o Centrão, as bets — que se aproveitaram da MP dos impostos para se legitimar como algo lícito e não como eventual lavandaria de interesses nebulosos. Ela serviu até para um setor cutucar o concorrente e vice-versa. Ainda há tempo para o governante se reinventar, a oposição deixar de mimimi, o parlamento usar melhor o tempo que lhe resta até as eleições. Mas se o empresariado interessado no país seguir longe da política, na base do deixa estar para ver como fica, tudo será mais difícil. O momento é propício a um plot twist das ideias.